



Sal

em

Júpiter



Um romance de

LOLA
SALGADO

 HARLEQUIN®

Material com direitos autorais

Copyright © 2018 por Lola Salgado

Todos os direitos desta publicação são reservados por Casa dos Livros Editora LTDA.

Diretor editorial *Omar de Souza*

Gerente editorial *Renata Sturm*

Assistente editorial *Marina Castro*

Copidesque *Luciana Bastos Figueiredo*

Revisão *Renata Lopes Del Nero e Tania Lopes*

Projeto gráfico de capa e miolo *Marina Avila*

Diagramação *Marina Avila*

Imagens do miolo *Shutterstock e Freepik*

Proução de ebook *S2 Books*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S158s

Salgado, Lola

Sol em Júpiter / Lola Salgado. - 1. ed. - Rio de Janeiro : HarperCollins, 2018.

256 p.

ISBN 9788595082298

1. Ficção brasileira. I. Título.

18-47295

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Harlequin é um selo da Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro

Rio de Janeiro, RJ – CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15



CAPÍTULO 1

Três meses antes

EU DEVERIA TER SUSPEITADO QUANTO AQUELE DIA daria errado. Existia algo na atmosfera logo quando acordei que indicava isso. Era como se o universo tentasse me dar pistas de que o melhor a fazer seria ficar na cama até o dia seguinte. Cancelar aquela sexta-feira. Se eu soubesse como seriam as horas seguintes, certamente essa teria sido a minha escolha. Porque é assim que lido com os meus problemas: ignorando-os.

Para começar, eu não havia apenas despertado do sono de maneira natural e sutil, como acostumava acontecer todos os dias. Não, a louca da minha mãe me arrancou de maneira brusca de um sono calmo e reparador, ligando sem parar para o meu celular, que costumava ficar embaixo do travesseiro – detalhe do qual ela tinha total consciência.

Resmunguei um “alô” sem muito ânimo quando consegui acabar com o barulho infernal. Minha mente se recusava a começar a trabalhar. Eu não podia julgá-la, a cama estava muito convidativa aquela manhã.

– MEU DEUS, SOL, VOCÊ TEM CELULAR PRA QUÊ? – primeiro ela berrou, no ritmo frenético a que eu já estava pra lá de acostumada. – Espera... você estava *dormindo*?

– Tentando, no caso.

– Uma da tarde?! – Senti a pontada de desaprovação no seu tom. Minha mãe era adepta do estilo de vida saudável. Saudável até demais. Eu adoraria ter herdado esse mesmo espírito cheio de boa vontade dela, mas os deuses não foram tão bondosos comigo. Eu costumava preferir coisas que a deixariam de cabelo em pé. Era como se ser prejudicial à saúde fosse uma condição para eu gostar de algo. – Isso é hora, filha?

– Passei a madrugada editando um vídeo – expliquei, dando de ombros. – Enfim, não importa. Do que você precisa?

– Quem disse que preciso de algo? – Ela se fez de sentida, mas o leve vacilo na sua voz não passou despercebido.

– Mãe... – Usei meu tom que dizia com clareza “não precisamos ir por esse caminho”.

Não adiantou.

– Estou ofendida! Uma mãe não pode só querer conversar com a filha? – Ela bufou alto. “Rainha do drama” a descrevia muito bem.

– Pode, mamãe. Mas não acho que seja o caso. Você só me liga quando quer alguma coisa.

– Sol! A visão que você tem de mim é horrível!

– Tá bom, tá bom! – Resolvi entrar no jogo. Às vezes, eu me esquecia de que ela era a mãe por ali. Parecia o contrário. – Você venceu! Vamos apenas conversar. Sobre o que quer falar?

– Como estão as coisas por aí?

– Tudo certo, você sabe – respondi sem muita vontade, percebendo que ela apenas não queria dar o braço a torcer. Ela tinha me visitado há dois dias, afinal.

– E o André... ele está bem? – Meu coração deu uma leve palpitada. Ultimamente, apenas ouvir o nome dele já causava a profusão de diversas sensações. Meus olhos foram de súbito para a delicada pedra no anel no meu dedo anelar esquerdo.

– Agora, nesse momento? – perguntei, com um sorriso travesso no rosto. Eu não era muito de facilitar as coisas. – Não faço a menor ideia.

– Como você é chata, Sol! Eu, hein...

– Ele está bem, mamãe. Eu estou bem. Meu vizinho de baixo está bem. O de cima também. As pessoas correndo na orla da praia estão bem. Dona Rita está bem. Está todo mundo bem, eu juro.

– Quem é dona Rita?

– Sei lá, acabei de inventar.

Ela estalou a língua com impaciência. Quase pude vê-la rolar os olhos nas órbitas. Precisei me segurar para não gargalhar.

– Como está sua agenda hoje? Muito apertada?

– Na verdade, sim. – Suspirei, quando por fim meu cérebro conseguiu processar todas as informações. Era sexta-feira. Eu tinha um evento dali a cinco horas e ainda estava emaranhada nos lençóis da cama, com os olhos remelentos e, muito provavelmente, baba seca nas bochechas. Isso porque mamãe tinha ligado, senão, sabe-se lá que horas eu acordaria. – Tenho compromisso às 18 horas. Sou convidada especial para o lançamento da coleção de verão de uma loja. E ainda preciso gravar essa tarde.

– Ah.

A maneira murcha como ela murmurou o “ah” foi muito suspeita. Muito suspeita mesmo. E eu, é claro, não deixei isso passar.

– *Ah?! Por que ah?*

– Não é nada... – Desconfiei de que nem mesmo ela havia se convencido com aquilo. – Eu ia te chamar para dar uma passadinha aqui.

– Hummm... Pensei que não fosse me pedir nada – soprei com malícia. No fundo, eu me sentia vitoriosa. Tinha sido rápido! Ela costumava demorar bem mais para admitir.

– Não estou *pedindo* nada. Estou fazendo um convite, é diferente – protestou.

Esfreguei os olhos com calma, tomando impulso para me sentar na cama.

– Eu tenho a opção de negar?

– Vai negar uma visita à sua mãe?

– Tenho ou não tenho? – insisti.

– É importante!

– Importante? – ecoei, desconfiada. – Em uma escala de zero a dez, quão importante é?

– Nove – falou sem hesitar. Quase me convenceu. Isso se eu não conhecesse minha mãe bem o suficiente para presumir que, se fosse mesmo importante, ela não estaria tão calma. De jeito nenhum.

– Sônia, Sônia... por que tenho a sensação de que você está mentindo para mim?

– Ah, quer saber? Pode deixar, Sol. Você não tem tempo para a sua mãe, então tá. Só sabe pensar em trabalho. Tudo é trabalho! Depois, quando eu morrer, não adianta ficar chorando no caixão, não. – *É, não tenho a opção de negar*, respondi à minha própria pergunta.

– Ah, Deus do céu, viu... – resmunguei. Era sempre a mesma coisa. – Tudo bem, eu vou. Mas se eu chegar atrasada no evento, a culpa vai ser toda sua. E é bom ser importante mesmo, hein?

Desliguei o telefone depois de ela me fazer jurar, pelo menos três vezes, que daria mesmo uma passada por lá. Eu não podia culpá-la pela desconfiança. Mais de uma vez prometi ir e acabei não indo. Não que eu não a amasse, porque, caramba, eu a amava loucamente. Ela era tudo para mim. Mas mamãe podia ser muito carente e, se eu fosse na onda dela, acabaria fazendo as malas e voltando a morar no meu antigo quartinho de paredes lilases. Até hoje ela não consegue aceitar o fato de eu ter me mudado da sua casa. E olha que já faz três anos!

Suspirei, levantando da cama enquanto repassava os afazeres do dia. Eu precisava otimizar o tempo, e tudo daria certo. Nem eram tantos compromissos assim, no fim das contas... Em um dia normal, por exemplo, eu teria passado por duas cidades diferentes, ficado de molho em um aeroporto qualquer e precisado de algumas corridas de Uber. Deus, minha vida era um verdadeiro furacão.

Só que eu amava! Era viciada na rotina frenética de sempre ter a agenda apertada e, na maioria das vezes, correr contra o tempo para

conseguir dar conta de tudo. E mesmo os momentos desesperadores em que eu parecia prestes a fracassar eram bem-vindos – apenas pela onda de prazer incomparável que me tomava depois de superada alguma dificuldade. Um sentimento de ser útil, sabe? Se precisasse escolher a minha favorita entre qualquer coisa no mundo, sem sombra de dúvidas, eu escolheria aquela calma deliciosa, com direito a quentinho no coração e tudo mais, de ser bem-sucedida em alguma tarefa.

Bem-sucedida. Eu me sentia assim em relação ao meu trabalho. Tudo o que eu já havia alcançado até ali – e não era pouco – fora sozinha. Com suor, persistência e dedicação. Mas saber que ainda havia tanto para conquistar me dava um sentimento de urgência. Por isso eu trabalhava sem parar. Sentia como se pudesse dominar o mundo se quisesse, bastava me esforçar bastante para isso. E era exatamente o que estava fazendo.

Comecei meu canal, “Delírios de Juba”, em uma fase bem complicada. Tinha dezessete anos na época. Eu me sentia sozinha na maior parte do tempo. Mamãe podia até reclamar que eu só ligava para o trabalho hoje em dia, mas seria hipócrita em negar que tive um ótimo exemplo em casa. Se pudesse descrevê-la em uma única palavra, seria “*workaholic*”. Eu não tinha com quem conversar, considerando que minha mãe dividia o tempo entre trabalhar e malhar obsessivamente, e minha melhor amiga, Clarice, estava ocupada demais sendo consumida viva pela faculdade. A solidão estava me deixando maluca. Por isso, liguei minha câmera certa tarde e comecei a jogar as palavras para fora, sem pretensão alguma. Fiz isso algumas vezes, mas nunca fui além. Os vídeos ficavam lá, salvos na câmera. Eram minha válvula de escape.

Até que um dia contei para Clarice. Foi um grande, grande erro. Ela me atormentou por horas, insistindo para mostrar unzinho que fosse. Acabou me vencendo na insistência porque eu era uma pessoa nada calma. Novamente, mal de ser escorpiana – ou talvez seja só essa minha mania de culpar o zodíaco pelos meus defeitos. Mas esse é um segredinho nosso. Bem, não importa. Eu mostrei a porcaria do vídeo e ela passou mais longas horas me convencendo a colocar no YouTube. Algum dos

seus argumentos deve ter funcionado, porque eu editei um deles e fiz o upload na mesma noite.

O sucesso não veio rápido. Mas veio. E agora, cinco anos depois, estava certa de que nada mais no mundo me fazia tão feliz na vida. Embora fosse um trabalho intenso, eu amava cada faceta dele. Amava todas as coisas proporcionadas por ele. Amava o rumo que minha vida havia tomado depois dele. E amava, principalmente, a maneira como me sentia em relação a mim mesma, graças a ele. *Pra que terapia quando se tem um canal com 6 milhões de inscritos, não é?*

Escovando os dentes com a mão esquerda – meu dentista gritaria horrorizado se desconfiasse disso – enquanto verificava a quantidade de curtidas na minha última foto no Instagram, não percebi quão perigosamente perto do armário do banheiro eu me achava. Meu dedinho do pé me fez descobrir da pior maneira, quando o esmaguei com toda a força contra a quina sólida de madeira.

– PUTA. MERDA. PUTA. MERDA. PUTA. MERDA – repeti, aos berros, enquanto pulava em um pé só, no melhor estilo Saci Pererê, com a escova de dente na boca, que espumava, o celular em uma das mãos e, para fechar o combo, lágrimas nos olhos.

Segui em direção à cama ainda pulando. Por que será que bater o dedo em quinas doía tanto? Devia ter uma explicação lógica. Fiz uma anotação mental para pesquisar isso quando pudesse. Joguei o corpo contra o emaranhado de lençóis e edredons – nem parecia ser o ápice do verão. Graças ao ar-condicionado, meu quarto era sempre como o Polo Norte –, afagando meu próprio pé com certo desespero. Em momentos como esse, eu aceitaria voltar para o antigo quarto lilás da casa da minha mãe, apenas para ser paparicada ao máximo. Ser adulto tinha desses detalhes chatos.

Depois de um tempo considerável – tempo que eu não tinha –, percebi que a dor havia se dissipado. Sequei as lágrimas com as costas das mãos, decidindo não olhar o celular e andar ao mesmo tempo. Meu pé agradeceria. Em vez disso, abandonei o aparelho que mais parecia uma

extensão do meu corpo sobre a cama e corri até o banheiro, dessa vez com mais cuidado. Lavei o rosto com um pouco de pressa, varrendo o sono para bem longe.

Então, entrei no modo automático. Fui até a cozinha e coloquei uma cápsula na máquina de café expresso – se eu não começasse o dia com uma boa dose de cafeína correndo pelas veias, tinha até pena de quem cruzasse meu caminho. Nos vinte segundos que levava para a xícara ser preenchida pela bebida fumegante, corri de volta para meu pequeno closet, escolhendo uma roupa para usar no vídeo que gravaria dali a alguns minutos. Quero dizer, escolhendo a parte de cima da roupa. A realidade nunca era tão glamorosa quanto aparentava ser nos vídeos. Passei a regata pelo pescoço enquanto voltava para a cozinha. A janela da sala estava aberta, mas não me importei. Perdi as contas de quantas vezes já paguei peitinho para os vizinhos. Não faria diferença justo agora.

Tomei a xícara nas mãos e, bebericando o café, caminhei até meu quartinho de gravação. Sentei de frente para a penteadeira, ligando cada uma das seis lâmpadas que contornavam o espelho – e que me cegaram, a propósito. Era sempre assim e eu nunca aprendia. Pisquei algumas vezes, sem me deixar abalar.

As coisas precisam ser feitas, repeti mentalmente. Esse era meu lema número um e sempre funcionava.

Abri a primeira das cinco gavetas, tirando de lá tudo o que eu precisava para preparar a pele. O lado ruim de ser uma blogueira de beleza estava na cláusula do contrato imaginário que me impedia de aparecer de qualquer jeito em um vídeo, como eu adoraria que fosse na maior parte das vezes. Eu amava maquiagem, mas adoraria ter a liberdade de usar apenas pijama de vez em quando, como fazemos com uma visita que já é de casa. No entanto, mostrar meu rosto da maneira como ele era – com poros dilatados, olheiras muito roxas e um pouco mais de oleosidade do que eu gostaria – seria quase um crime. Ou *pior* que isso. Só a possibilidade de chover comentários criticando minhas olheiras de

panda já me convencida a começar todo o ritual de passar o *reboco* no rosto.

Intercalando a maquiagem com pequenos goles de café, terminei a função rapidamente. Passei as mãos no cabelo para armá-lo ao máximo. Os cachos bem volumosos eram minha marca registrada. Lancei uma piscadela para a imagem refletida no espelho. *Nada como uma camada bem espessa de maquiagem para nos fazer sentir bonitas.*

Soltei um suspiro desanimado. Era agora que vinha a parte chata. Olhei para o cenário posicionado na parede oposta à penteadeira, onde eu gravava a maior parte dos vídeos – exceto pelos de maquiagem, por motivos óbvios. Era composto por uma cadeira de um amarelo que doía nos olhos, com um pelego branco jogado por cima. Ao fundo, o papel de parede imitando concreto queimado, como era moda ultimamente. Alguns quadrinhos com molduras de formatos e tamanhos diferentes o preenchiam. O principal, no entanto, estava de frente para tudo isso. Duas câmeras profissionais nos tripés, o microfone e mais toda a parafernália de iluminação. Eu não me dava muito bem com isso.

Liguei as duas câmeras, ajustando o foco de cada uma. Depois arrumei a luz de fundo, testei o som e quando enfim me sentei na cadeira, cerca de meia hora depois, pronta para começar a gravar, o vizinho do lado decidiu que era uma boa hora para furar a merda da parede dele.

– Não... – lamentei, esfregando as têmporas com nervosismo.

Que seja rápido.

Que seja rápido.

Que seja rápi... Ah, mas que droga, agora começou o martelo!

Eu odiava o vizinho. Na verdade, era bem mais que isso. Eu o detestava com todas as forças. Desde quando me mudei para aquele apartamento, não houve um único dia em que eu não usei todo o meu portfólio de xingamentos contra ele – e eram muitos, acredite. Ele era barulhento de uma maneira irritante. E parecia ter a bosta de uma intuição para descobrir os horários das minhas gravações. Isso sem contar os barulhos que eu precisava ouvir quando a namorada vinha visitá-lo...

droga, encontrá-lo no elevador era a coisa mais constrangedora do mundo, ainda mais depois de tê-lo ouvido várias vezes mandando a namorada... hum... deixa pra lá. Você não vai querer saber. Eu gostaria de apagar da memória, se pudesse.

Encarei o relógio, cheia de frustração. Justo hoje que eu tinha o tempo contado! Não era possível que ele tivesse tanta coisa para reformar assim... Os apartamentos daquele prédio eram minúsculos, pelo amor de Deus!

Busquei o celular no meu quarto, decidida a esperar um pouquinho mais, na esperança de o barulho cessar rápido. De vez em quando acontecia de ele me enganar. Era só eu arrancar a roupa e a maquiagem que o silêncio voltava. Eu juro, ele tinha a merda de uma ligação bizarra comigo. Ah, como eu o odiava!

Respondi alguns comentários nas redes sociais. Procurei uma luz boa, perto da janela e, como não consegui, fui até a varanda. Pela primeira vez naquela sexta, eu me permiti relaxar e apenas contemplar a paisagem. A areia fofa parecia um tapete sumindo de leste a oeste, sobre o qual ondas mansas se quebravam com tranquilidade, como se não valesse o esforço de um mar revolto. Era tão relaxante. Era possível sentir o cheiro de maresia dali da varanda e, fora isso, tinha a brisa de cadência suave, ritmada, que ia e vinha, abrandando a alma.

O aluguel que eu pagava para morar ali era caríssimo, mas valia cada centavo. Não existia vista mais bonita. Também não era *só isso*. O mar servia como um apoio, uma certeza. Quando as coisas não estavam legais, eu tinha uma direção certa para onde olhar. Mesmo se tudo ruísse ao meu redor, eu sabia que ele sempre estaria ali para mim, como um ponto de apoio. Era uma pena que eu aproveitasse tão pouco.

Dei de ombros, virando de costas para a paisagem e esticando o braço em frente ao rosto, para uma *selfie*. Não tinha tempo para ficar divagando sobre bobagens. Ao fundo, a praia servia como cenário. Eu me distraí observando os banhistas salpicando a faixa de areia no visor do celular e lamentei que, muito em breve, quando a alta temporada

começasse, não daria mais para ver a areia. Apenas um borrão de cores, estampas e tamanhos, de muitos guarda-sóis aglomerados. Se eu tivesse o controle usado por Adam Sandler no filme *Click*, avançaria, ano após ano, as altas temporadas, porque, vai por mim, tudo ficava pior. O trânsito se tornava impossível, os restaurantes, mais caros, a cidade, mais suja e barulhenta. E, de repente, Florianópolis virava terra sem lei.

Quando consegui tirar a foto perfeita, que realçava cada pequeno ângulo do meu rosto devidamente maquiado, meus dedos se apressaram em digitar a legenda.

Tem como ficar de mau humor com essa vista?

Bem, a verdade é que tem, sim. Ainda mais quando meu vizinho era um barulhento e estava atrapalhando a gravação de um vídeo antes de eu fazer minha visita obrigatória na casa da mamãe. Mas, ninguém precisava saber disso, não é? Na internet, todo mundo quer ver a vida perfeita que adorariam ter para si. E não sou eu quem vai arruinar essa ilusão. Ah, não mesmo.

Inspirei fundo, saindo da varanda em seguida. Por um milagre divino, deparei com um silêncio desconcertante do lado de dentro do apartamento.

Obrigada, universo! Fui atingida em cheio por uma nuvem de positividade. No quartinho de gravação, meus olhos recaíram sobre o cenário e fiz uma careta.

Agradei cedo demais.

É claro que eu devia ter imaginado que tinha sido muito fácil. Meu segundo lema de vida era: desconfie de coisas fáceis. Sempre.

Eu tinha esquecido tudo ligado. Filmando! Qual era meu problema, hein? Bati as mãos nas laterais do corpo, bastante irritada. A luz de bateria das duas câmeras piscava, indicando estarem prestes a desligar. Era tudo culpa minha, pois gravei um vídeo ontem e não coloquei as baterias para carregar depois. Talvez desse para trabalhar agora, caso eu não tivesse *me esquecido* de desligar o equipamento. Argh!

Olhei feio para a parede que dividia com o vizinho, resolvendo culpá-

lo. Se não fosse o barulho infernal dele, é certo que eu já teria terminado a uma hora dessas. Preparei meus melhores xingamentos, mas, antes disso, reparei no relógio logo acima da penteadeira. Então, soltei um gritinho exasperado.

Se aquele relógio marcava a hora correta – que era o caso, embora eu torcesse para não ser –, eu estava ferrada. O evento seria dali a três horas e eu nem tinha passado na minha mãe ainda. E isso me assustava. Era impossível fazer uma visita breve, afinal essa era uma palavra inexistente no vocabulário dela.

Resignada, desisti de gravar o vídeo. Não porque eu quisesse, mas porque realmente não tinha o que fazer. Tinha quase certeza de que eu me arrependeria disso em um futuro muito próximo, mas estava preparada para lidar com as consequências. Por ora, só precisava conseguir chegar ao evento a tempo, pois o cachê tinha sido muito generoso e eu queria preparar o terreno para novos convites. Se dependesse de mim, frequentaria todos os eventos que essa marca quisesse fazer dali para a frente. Todinhos.

Tirei a calça do pijama e procurei uma parte de baixo adequada. Jamais arriscava sair desarrumada de casa porque, bem, você sabe, eu era uma blogueira de beleza e moda. E aqui as coisas funcionavam como na questão das maquiagens – uma escolha errada e precisaria estar preparada para ouvir sobre isso pelo resto do mês.

Olhei para as prateleiras forradas de sapatos de salto alto como se elas estivessem cobertas de merda. Droga, eu odiava usar saltos com todas as minhas forças. Só que isso não era bem o que eu contava aos meus seguidores, para falar a verdade. Não me leve a mal, todo mundo precisa de uma mentirinha aqui ou ali. Faz parte da vida, não é?

Eu fingia amar saltos porque minhas seguidoras piravam com os sapatos que eu ganhava dos patrocinadores. Acabou virando uma das minhas marcas registradas. Mas, se eu pudesse escolher, eles seriam a última opção, de verdade. Simplesmente porque ferravam com meus pés de uma maneira cruel. Eu não sabia se existia algum tipo de deficiência

genética neles, ou se todas as mulheres do mundo passavam por isso. A questão é que os sapatos altos eram como instrumentos de tortura para mim. Na melhor das hipóteses faziam bolhas e calos. Na pior, deixavam meus dedos em carne viva. E eu precisava passar por tudo isso com um sorriso no rosto.

Revirei os olhos, pegando um par de chinelos escondidos por trás de todos aqueles saltos. *Dane-se*, calcei os chinelos, *mamãe não vai se importar*.

E esse foi um grande erro. Grande erro mesmo.

Porque meu terceiro e último lema era: se existe a mais remota possibilidade de uma coisa dar errado, ela dará errado. Inevitavelmente.



COMO EU JÁ ESPERAVA, MAMÃE NÃO TINHA nada importante para me contar, além de uma lista interminável de coisas que a irritavam sobre seu namorado, Davi.

Basicamente, era sempre isso. Fazia pouco mais de dois anos que eles estavam juntos e, tirando o primeiro mês, quando ela ainda parecia estar cega pela fumacinha mágica do amor, não houve uma única vez em que nos encontramos que ela não tenha sido prolixa nas queixas sobre ele. Eu tinha um pouco de pena de Davi porque aquele clichê de “não é você, sou eu” se encaixava muito bem na relação dos dois. O cara poderia ser o Brad Pitt pintado de ouro e, mesmo assim, mamãe arrumaria mil defeitos para apontar.

O problema estava no fato de ela ser muito autossuficiente. Sempre foi. Papai e ela se separaram quando eu ainda era bebê e, desde então, ela desempenhou todos os papéis sozinha. E diga-se de passagem, desempenhou-os muito, muito bem mesmo. Mamãe era foda. De verdade. Eu me espelhava muito nela em vários aspectos, porque aquela mulher era o sinônimo de força. No entanto, isso tinha o lado ruim. Primeiro porque assustava metade dos pretendentes. Sabe como é, alguns homens têm a masculinidade bem frágil... E os que sobravam ela dava um jeito de afastar, com sua personalidade forte e difícil. Com pequenas

provações, para saber se sabiam mesmo onde estavam se metendo. E eles nunca sabiam. Porque, Senhor, ela podia ser terrível quando queria.

Davi era o que tinha conseguido permanecer por mais tempo. E, por alguma razão, era também de quem eu mais tinha gostado, entre todos os namorados da mamãe ao longo da vida. Talvez porque ele fosse apenas três anos mais velho que eu – esse provavelmente era um ponto –, mas também porque eu notava a maneira carinhosa com a qual ele a olhava, mesmo quando ela parecia soltar fumaça pelo nariz. Dava para perceber quanto Davi a amava e isso era algo que tínhamos em comum.

– Quem ele pensa que é, para vir aqui em casa sem me avisar e ficar bravo porque eu o mandei embora? – perguntou ela, pelo que parecia ser a décima vez, enquanto batia uma vitamina de um marrom esverdeado muito nojento.

– Seu... *namorado*?

– Exatamente! – exclamou, olhando para mim por cima do ombro. – Ele é meu *namorado*, não meu dono! Quer dizer, essa é a minha casa. Tenho o direito de ficar aqui sozinha quando bem entender, né?

– Mamãe, ele só queria te ver. Devia estar com saudade. Davi é tão carente... Não tem nada por trás disso, tenho certeza. O cara é louco por você – falei distraída, enquanto escrevia um *tweet*. E isso explica por que arrisquei minha vida dessa maneira.

– Você está do lado dele agora, Sol?! É isso? – Ela não escondeu a pontada de ciúmes na voz. – Quando viraram tão amiguinhos assim, hein?

– Sônia...

– Não acredito que ele conseguiu te colocar contra mim! – murmurou para si mesma, atônita.

– Minha Nossa Senhora, mãe! Esse monte de linhaça, quinoa e suplemento que você toma para a academia deve estar mexendo com seus miolos – falei entre risadas, roubando um punhado de uvas da fruteira. – Ouça o que você está dizendo. É sério. Pare e ouça.

Mamãe me encarou com os mesmos enormes olhos castanhos avermelhados que eu havia herdado dela – assim como todas as outras

características físicas –, cruzando os braços sobre o peito.

– Você acha que estou sendo implicante, filha?

– Nããããão, imagina, que é isso! – Balancei a mão no ar teatralmente, pouco antes de enfiar as uvas na boca. – Você é um anjinho, mãe. Tão *boazinha*. Tenho certeza de que Davi vai direto para o céu só por ter te aguentado por tanto tempo.

– Ai, sua exagerada!

– Puxei a você! – brinquei. Então, meus olhos focaram nas horas e todo o bom humor se dissipou em uma fração de segundo.

Faltavam cinquenta minutos para o evento.

Cinquenta minutos!

E eu estava um lixo. A maquiagem derretida, o corpo suado. Usando chinelos, a propósito.

Como fui deixar aquilo acontecer?

Por que o dia estava tão bagunçado?

Pulei da cadeira, sobressaltada.

– Já está indo? – perguntou mamãe, decepcionada.

– Eu já devia estar lá – respondi da melhor maneira possível, por conta da boca cheia. – Ainda nem me arrumei. Estou ferrada.

– Não quer se arrumar aqui, querida?

Meus olhos recaíram para suas roupas de academia: uma *legging* rosa neon com recortes demais e transparências em lugares desnecessários, uma regata com o clássico NO PAIN, NO GAIN e, para completar, tênis com plataforma embutida. Eu não conseguia *entender* por que ela precisava de um salto no tênis. Ainda mais em um tênis cuja finalidade era fazer exercícios.

– Hummm, acho que dessa vez vou deixar passar – murmurei, pegando minha bolsa no sofá e marchando com pressa em direção à porta.

– Por quê? – Ela uniu as sobrancelhas. E aquilo era um mau, um péssimo sinal.

– Preciso usar roupas da loja – menti. – E estão lá em casa.

Mamãe pareceu se convencer. Ponto para mim!

Então, embora eu estivesse nitidamente atrasada e desesperada para sair dali, ela iniciou o ritual de despedida de sempre. Primeiro me abraçou e pediu para visitá-la mais vezes — nós nos víamos quase todos os dias da semana, e isso só confirmava seu desejo de que eu voltasse a morar lá —, depois, alisou meu cabelo com as duas mãos — eu odiava — apenas para dizer quanto se sentia orgulhosa por mim e que todo o seu trabalho tinha valido a pena.

Eu amava minha mãe mais do que a mim mesma. Mas, às vezes, desejava que ela fosse um pouco menos *mãe*, se é que isso faz algum sentido. Eu sabia que ela sentia muita culpa por sua ausência na maior parte da minha vida, quando mais precisei dela. Depois que me mudei da sua casa, mamãe virou praticamente outra pessoa. Como se quisesse compensar o tempo que não voltaria mais e, principalmente, a solidão que me fez companhia durante todos aqueles anos. Mamãe queria se fazer presente a todo custo. Queria que seu amor pudesse remendar as feridas do passado. Por isso agora tudo nela era *demais*: o carinho, o cuidado e a carência.

Faltava apenas meia hora quando consegui me livrar dela.

Corri para o carro. Lá dentro, meus olhos foram direto para o anel de noivado e estremei. Não tinha falado com André o dia todo.

Coloquei a chave na ignição da Cinderela (sim, meu carro tinha um nome. De princesa, ainda por cima), abri a janela para circular o ar, pois o dia estava muito abafado, e disquei o número familiar. Para minha surpresa, a ligação chamou até cair. Esfreguei os olhos, torcendo para ele não ter esquecido a droga do evento do qual falei obsessivamente durante a semana inteira.

Teimosa como era, disquei pela segunda vez e, no décimo toque, André atendeu.

— Está pronto? — perguntei ansiosa, começando a ser afetada pelo pavor que sempre me assolava quando as coisas desandavam e pareciam estar prestes a dar errado.

- Oi para você também, linda.
- Oi, amor. Está pronto ou não?
- Pronto para...?

Ah, não...

- Você esqueceu, André? Não acredito!

Houve um silêncio na linha. Eu pressentia que ele estava buscando a lembrança na memória enquanto ponderava sobre o quão encrencado ficaria caso não a encontrasse.

Como ele estava demorando muito, resolvi ajudá-lo.

- O lançamento? De verão? Importantíssimo?
- Puuutz! – ele estalou a língua, parecendo irritado. – Era hoje?
- Ainda é! Daqui a 25 minutos, para ser mais exata!
- Caramba... Eu confundi tudo, gatinha. Pensei que fosse na próxima sexta.

Bati com a mão no volante, bastante frustrada.

Ele sempre fazia isso. Sempre mesmo. Sabe quando as pessoas dizem que só não esquecem a cabeça porque está grudada no corpo? Quem inventou essa frase estava, com toda a certeza, pensando em André.

- Não tem problema. Você demora muito para se arrumar? Eu ainda nem comecei. Se quiser posso passar aí.

– Ahnnn...

Não, ele não pode me dar um toco justo agora. Eu queria morrer.

- *Ahnnn?* – ecoei, fazendo a desentendida.
- É que eu tenho compromisso.
- Você... Espera. O quê? – indaguei, passando o cinto pelo tronco com uma mão só. – É brincadeira, né? – Uma risadinha nervosa escapou lá do fundo da garganta. Eu me remexi no banco, recusando-me a aceitar.
- Infelizmente, não, linda. O Guilherme está aqui. Estamos gravando uns vídeos juntos.

Soltei todo o ar dos pulmões, bastante chateada. Ele deve ter percebido, porque se adiantou em falar:

- Eu compenso depois. Prometo!

– Não é essa a questão... é só que... – Respirei fundo outra vez. – Nada. Deixa pra lá.

– Vai ficar triste comigo porque eu fiz uma confusão boba?

– Deixa pra lá, André – repeti, girando a chave da ignição. – Nos falamos depois, tá? Estou atrasadíssima.

Desliguei. Sem dar oportunidade de ele falar qualquer outra coisa.

Não me orgulho muito em admitir que “paciente” não era uma palavra usada quando precisavam me descrever. Eu me irritava muito fácil. Mas, nessa situação, não era nem isso. André andava mais esquecido do que nunca. Sempre com os *meus* compromissos. Com os dele, nunca. Era como se não levasse meu trabalho a sério. E isso me aborrecia um pouco, já que tínhamos a porcaria da mesma profissão.

Como o carro não ligou da primeira vez, tentei uma segunda. O motor respondeu com um barulho não muito animador. Meu coração congelou de medo no mesmo instante. Cruzei as mãos em frente ao rosto e olhei para o teto, como se tivesse alguém ali.

Por favor, universo! Não estou pedindo muito! Eu estava era desesperada. Só preciso chegar lá a tempo. E arrumada, de preferência.

Fechei os olhos e levei a mão à ignição, minhas entranhas reviraram de expectativa. Contei até três e então girei a chave mais uma vez, querendo acreditar que agora daria certo.

Não foi o caso.

– Qual é, hein? – perguntei para ninguém, enquanto minha cabeça despencava para a frente, caindo sobre o volante e acionando a buzina. Uma senhorinha que caminhava na calçada, à minha direita, levou as mãos ao peito, assustada. Depois me lançou um olhar ameaçador. Eu estava tão desanimada que nem tive tempo de sentir culpa.

Por um segundo, tive vontade de chorar.

Mas, como em todas as outras vezes, dissipei essa vontade em poucos segundos.

E aqui é importante fazer um adendo sobre mim: eu não choro. Nunca. Desde os meus dezessete anos. Desde o fatídico dia quando fui

marcada para sempre. Depois disso, decidi que não queria ser o tipo de pessoa que chora. Posso até sentir vontade, mas apenas engulo o choro. De forma literal mesmo.

Em vez de ceder ao pânico, pensei com racionalidade nas minhas alternativas.

Faltavam quinze minutos. O shopping onde aconteceria o evento era mais próximo dali do que da minha casa – ou seja, voltar para meu endereço estava fora de questão. E eu também tinha meu kit de primeiros socorros dentro da bolsa – um *nécessaire* com maquiagem, perfume, desodorante e outros itens do tipo. Nem tudo estava perdido. Eu só precisava chamar um Uber (mamãe definitivamente não era indicada para uma situação como essa), correr ao banheiro e retocar a maquiagem, então tudo estaria bem.

Viu só? É só manter a calma que tudo se resolve.

O motorista chegou bem rápido, para a minha felicidade. Pulei para fora da Cinderela me sentindo um pouco mal por abandoná-la ao relento. Mas ela não ficaria para sempre ali. Então, tudo bem.

Somente ao descer, já no shopping, foi que percebi ter me esquecido do principal. O chinelo! Eu estava usando a droga do chinelo! Senti o sangue ser drenado para fora do rosto. Eu não podia ser vista daquela maneira. Era a minha reputação que estava em jogo!

Engoli em seco e corri para a entrada de carga do shopping, fugindo da entrada principal. Esgueirando-me como uma policial em filmes de ação, consegui me infiltrar sem ser vista. Minha cabeça virava de um lado para o outro em ritmo frenético. Eu nem ousava olhar no relógio porque sabia que estava encrocada.

Subi pelas escadas de emergência e, tão logo alcancei o segundo patamar, deparei com uma porta larga que tinha uma janelinha circular, pela qual pude espiar o outro lado. Percebi que ela dava acesso ao corredor onde ficavam os banheiros daquele andar.

Graças a Deus!

Fui inundada por uma onda de alívio.

Meu celular tocou de súbito e me deu um susto, varrendo qualquer vestígio de paz para longe de mim. Atendi sem nem ao menos conferir o visor. A voz do outro lado da linha me fez estremecer inteira. Era Fernanda, responsável pelo marketing da loja para a qual eu trabalharia aquela noite. Ou seja, *ela* havia me contratado.

– Juba? Onde você está, querida?

– Chegando – menti, indo em direção ao banheiro. – Sinto muito. O trânsito está uma loucura, mas estou fazendo o possível. Devo chegar em dez minutos.

– T-tudo bem – respondeu, desconcertada. – Estamos te esperando *ansiosas!*

Escorei o corpo na parede por um segundo, limpando o suor da testa com as costas da mão. Que dia! Abri minha bolsa e procurei o kit de primeiros socorros, enquanto entrava no banheiro. Pesquei-o lá de dentro, erguendo o rosto em seguida. Então, soltei um gritinho abafado com a imagem que vi.

Deus do céu, eu não estava no banheiro feminino!

Sabia disso porque em banheiros femininos não existem mictórios.

Muito menos homens ocupados em fazer xixi, como aquele na minha frente!

Soltei um berro horrorizado e cobri a boca com a mão. O tempo congelou. Eu sabia que precisava sair de lá o mais rápido possível e queria muito fazer isso, mas fiquei paralisada. Um pouco chocada, diria.

Ele girou a cabeça por cima do ombro, me buscando com os olhos curiosos *e* assustados. Eram de um azul claríssimo. Seu olhar me encontrou e, com uma expressão atônita, deu um pulo, ficando de frente para mim.

A coisa toda desandou nesse exato momento.

Porque, veja bem, foi impossível não descer o olhar para o que havia entre suas pernas. Na verdade, eu fiz meio que *imediatamente*.

Ele virou, eu olhei.

Olhei para o *pau* dele!

Engoli em seco, sem conseguir desviar o olhar de jeito nenhum. Um calor inoportuno subiu pelo meu corpo quando me dei conta de todo o seu tamanho. E nem era só o tamanho. Pelo amor de Deus, eu nunca tinha visto uma piroca tão *bonita* como aquela. Entreabri os lábios, estupefata. *Minha nossa, que sorte a namorada desse cara tem!*

Foi aí que o tempo voltou a correr na velocidade normal e me dei conta de estar dentro do banheiro masculino, olhando o órgão sexual de um desconhecido enquanto ele tentava tirar água do joelho.

Antes que eu pudesse sequer digerir tudo isso, corri para longe dali o mais depressa que meu condicionamento físico permitiu. Afinal, era assim que lidava com os problemas.

Enfiei-me no banheiro feminino com o coração prestes a entrar em pane por sobrecarga.

– Mas que droga, mas que droga, mas que droga... – murmurava baixinho, até que deparei com uma mulher muito pequenininha, na casa dos quarenta anos, olhando para mim com atenção.

– Precisa de algo, meu bem? – *Desaparecer*, foi o que pensei, mas limitei-me a balançar a cabeça em negativa. – Tem certeza? Você está pálida.

Olhei-a com mais cuidado e reparei no seu uniforme. Ela parecia ser da equipe de limpeza do shopping.

– Na verdade, sim – murmurei, ainda rouca pela adrenalina. – Eu... hum... Você poderia comprar um sapato para mim, por favor?

A maneira como ela arregalou os olhos foi o indicativo do teor de insanidade contido nas minhas palavras.

– Eu vou te dar o dinheiro, claro. É que eu não posso. Não posso *ser vista*, entende? – atirei as palavras e, tirando por sua expressão, constatei que tudo só piorava. – Por favor, por favor, por favor! Minha vida depende disso! É sério! – Enfiei a mão na bolsa, em busca da carteira. Tirei uma quantia que julguei suficiente para um sapato aceitável e entreguei nas suas mãos. – Vou te reverenciar para todo o sempre se puder fazer esse favor para mim!

– O-ok – Minha nova melhor amiga do mundo assentiu. Devia me achar maluca, mas nem liguei. – Qual seu número?

– Trinta e sete. Pode ser qualquer modelo, desde que seja preto, tá bom? E bem alto! E, por favor, preciso dele em cinco minutos!

Assentindo outra vez, ela me deu as costas.

Pouco antes de sumir do meu campo de visão, porém, pude ouvi-la murmurar baixinho:

– Coitadinha, outra vítima do capitalismo...

Fisquei o lábio inferior, sentindo um pouco de medo pela primeira vez. Em uma escala de zero a dez, quão seguro era dar dinheiro na mão de uma estranha para ela comprar algo para mim?

Esfreguei o rosto, acreditando com todas as minhas forças naquela mulher. *Tomara que ela não seja um ser humano horrível e aproveitador da fragilidade alheia.* Entoei o mantra, ocupada em melhorar minha aparência o máximo que pudesse.

Enterrei as mãos no cabelo para aumentar o volume. Depois disso, usei pelo menos meio vidro de perfume, para compensar o fato de ainda não ter tomado banho.

Eu terminava de passar o batom quando minha salvadora voltou, segurando uma sacola.

– Espero que goste – disse, estendendo a mão para me devolver o troco.

– Ah, não precisa! – respondi, abrindo a caixa. – Fique com ele pelo trabalho de ter comprado o sapato para mim.

Se ela agradeceu, não ouvi.

Isso porque eu olhava para o que deveria ser, muito provavelmente, os sapatos mais ridículos dentre todos os sapatos ridículos em todo o planeta!

É sério. Como alguém em sã consciência podia considerar aquilo bonito? Não dava para *conceber* a ideia!

E eu nem sabia apontar o que me incomodava mais. Talvez os zíperes dourados aplicados em toda a superfície, ou então o grande e

desajeitado laço de oncinha fixado nos calcanhares. Isso sem contar o salto durado, de material muito duvidoso... Inferno, era como se tivessem tentado bater o recorde de coisas horrorosas em um único calçado.

Suspirei, consternada.

Que merda de dia! Eu só queria cancelar e começar do zero.

– Gostou? – perguntou ela.

– Eu... ahn... – tentei falar, mas graças aos céus fui salva pelo celular. Então percebi que, na verdade, esse não era um bom sinal. – Preciso ir. Obrigada!

Não tive coragem de atender a chamada. Em vez disso, calcei os sapatos e corri para meu destino. Eu não estava causando exatamente a melhor impressão do mundo, sabia disso, ainda mais levando em conta que aquele era meu primeiro trabalho com eles. Mas eu torcia para que ainda desse tempo de ajeitar as coisas.

Fernanda me esperava em frente à loja, os braços cruzados sobre o peito, batendo a ponta do pé no chão sem parar. Era alta, usava um vestido tubinho preto – *Que escolha mais previsível!* E decepcionante – e o cabelo louro estava preso em um coque despojado. Sua expressão não era nada animadora. Estremeci de medo. Ainda mais quando seus olhos desceram pelo meu corpo até pararem nos sapatos. Eu consegui perceber o choque no seu rosto, apesar de ela ter lutado para disfarçar. Cheguei à conclusão de que talvez nunca mais ouvisse falar daquela marca em toda a minha vida. Minhas chances de conseguir outro trabalho com eles foram dizimadas. E eu nem podia culpá-la, isso era o pior.

– Juba, querida, *até que enfim!* – Sorriu amarelo ao me cumprimentar, sem desviar a atenção dos meus pés, no entanto. – Estávamos preocupadas com você!

– Sinto muito – comecei a justificar, mas, como ela não subiu o olhar, deixei minha voz morrer no ar e pigarreei. Duas vezes, aliás. Não adiantou nada, por isso dei de ombros e continuei assim mesmo. – Meu dia foi um caos. Tudo deu errado. Até a Cinderela me deixou na mão... morreu aqui perto.

– Cinderela?

– Meu carro.

– *Ah* – grunhiu, lembrando que eu tinha um rosto. – Falando nisso, cadê o André?

Suspirei com desânimo. Primeiro por não entender muito bem como a Cinderela poderia, de alguma forma, remeter ao André. Mas, principalmente porque, se existisse um gráfico de quão mal eu estava me saindo em causar uma boa impressão, estaria em uma ascensão desenfreada. Era um desastre.

– Teve diarreia – menti sem nem corar. – Foi terrível, tadinho. Vou precisar de anos de terapia para apagar a imagem da cabeça.

Não sei se foi impressão minha, mas seu olho esquerdo deu uma leve tremida. Comecei a sentir um pouco de pena de Fernanda. Tinha certeza de que ela lamentava com todas as suas forças o dia em que entrou em contato comigo. Maldita hora em que resolveu me contratar, era o que ela devia estar pensando agorinha mesmo. Eu a entendia porque também lamentava muitas coisas naquele momento.

Ela assentiu, com cara de quem ia vomitar a qualquer momento, e seu coque balançou de uma maneira engraçada.

– Bem, vamos lá?

Meneei a cabeça e só então vislumbrei o que me esperava.

Meus olhos logo foram atraídos para os balões perolados cobrindo cada centímetro das superfícies disponíveis no interior da loja. De *todas* elas. Eram bonitos, mas eram muitos. Para alguém como eu, que considerava menos como mais, aquela quantidade de informação dava um pouco de dor de cabeça. Eu me sentia dentro daqueles quartos acolchoados de hospícios, sem brincadeira.

Reparei, então, nos garçons deslizando com maestria entre os convidados. Eles equilibravam nas mãos bandejas cheias de aperitivos – que deveriam ser mais bonitos que saborosos – e taças de champanhe. *Embebedar os clientes deve tornar bem mais fácil concretizar as vendas.* Eu me segurei para não rir da minha própria piada.

Logo em seguida, não pude deixar de notar a equipe de vendedoras tão maquiadas que poderiam muito bem ir para a festa do Oscar depois do expediente. Elas corriam de um lado para o outro com sorrisos nervosos, enquanto tentavam dar conta daquela quantidade alarmante de gente. Que, por sinal, eram, em grande parte, minhas seguidoras.

Soube disso porque muitas delas eram cacheadas, assim como eu. O que era legal pra caramba! Quer dizer, eu ajudava as pessoas de alguma forma. Pessoas que passaram a vida odiando os cachos, como eu mesma fiz durante tanto tempo. Mas, agora, ostentavam a cabeleira da maneira como os cachos mereciam.

Fernanda agarrou meu braço e me arrastou para dentro antes que eu tivesse oportunidade de preparar meu psicológico. Bastou eu pisar no chão de madeira corrida para todos sentirem minha presença. Depois disso, veio o que eu chamava de *explosão do amor*. Houve um silêncio estupefato, como se todo mundo tivesse prendido a respiração ao mesmo tempo, seguido por gritos histéricos e excitados.

Só que, diferente de todas as outras vezes, ninguém avançou para me encher de abraços e beijos, enquanto tiravam *selfies* de todos os lados. Não mesmo. Em vez disso, senti, de uma vez só, dezenas de olhares descendo pelo meu corpo e parando nas porcarias de sapatos ridículos nos meus pés.

Quis morrer com todas as minhas forças. Prometi para mim mesma nunca mais confiar no gosto de um desconhecido. E também nunca mais sair de casa usando chinelos, para não correr o risco de *precisar* confiar no gosto de um desconhecido.

Ah, droga, anotei mentalmente muitos outros erros cometidos naquela sexta-feira que eu não podia repetir nunca mais.

Essa será uma longa, uma longuíssima noite. Cogitei arrancar os sapatos e atirá-los para longe, para que todo mundo parasse de observá-los com obsessão. Então, com uma nuvem de mau humor pairando sobre minha cabeça, peguei uma taça de champanhe de um garçom que passava

por mim, e bebi um generoso gole enquanto reunia força para sobreviver pelas próximas horas, afinal, as coisas *precisavam* ser feitas.